

## TRADUÇÃO

**VALÉRY, Paul. VI. In: *Vues*. [1948]. Prefácio de Claude Launay. Paris: La Table Ronde, 1999, p. 233-252. – (La Petite Vermillon; 20).**

## TRANSLATION

**VALÉRY, Paul. VI. In: *Vues*. [1948]. Preface by Claude Launay. Paris: La Table Ronde, 1999, p. 233-252. – (La Petite Vermillon; 20).**

Tradução: Walisson Oliveira

DOI: [https://doi.org/10.46551/issn2179-6793RA2024v27n2\\_a04](https://doi.org/10.46551/issn2179-6793RA2024v27n2_a04)

**RESUMO:** Este estudo propõe a tradução para o português do capítulo “VI” do livro *Vues* (1999 [1948]), de Paul Valéry. O capítulo está dividido em quatro partes: “*L’homme et l’action*”, “*Sur le suicide*”, “*Le vouloir être un autre*” e “*Lettre a quelqu’un*”. A coletânea, ainda inédita em tradução, se destaca por sua abordagem profunda e sensível, nos ensaios em que Valéry investiga a dualidade da experiência humana, transitando entre a busca incessante da mente por ideias e a armadilha das palavras, e uma mente aberta ao imprevisto. Em suas reflexões, Valéry expressa uma inquietação que frequentemente culmina em um assombro diante do inefável, reconhecendo que tanto as palavras quanto os comportamentos humanos são apenas sombras do que escapa à expressão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tradução; Paul Valéry; *Vues*; Filosofia; Experiência Humana.

**ABSTRACT:** This study proposes the translation into Portuguese of Chapter “VI” from the book *Vues* (1999 [1948]) by Paul Valéry. The chapter is divided into four parts: “*L’homme et l’action*,” “*Sur le suicide*,” “*Le vouloir être un autre*” and “*Lettre à quelqu’un*”. The collection, still unpublished in translation, stands out for its profound and sensitive approach in essays where Valéry investigates the duality of human experience, navigating between the mind’s relentless pursuit of ideas and the trap of words, and a mind open to the unforeseen. In his reflections, Valéry conveys an uneasiness that often culminates in a sense of awe before the ineffable, acknowledging that both words and human behaviors are merely shadows of what escapes expression.

**KEYWORDS:** Translation; Paul Valéry; *Vues*; Philosophy; Human Experience.

## **O homem e a ação<sup>1</sup>**

O homem é ação, ou ele não é nada.

Ele vale exatamente o que é capaz em termos de ação. O espírito mais profundo, o sentimento mais intenso só tem valor no ato ou pelo ato que os responde e os põe à prova.

O saber só faz sentido quando demonstrado por um poder de agir, e é então que merece o nome de ciência. E todas as artes são apenas ações cuja intenção e resultado exaltam o poder criador da própria ação.

A ação transforma a ideia em obra e o desejo em posse da coisa desejada. Mas ela pode também transformar aquele que age, ensinando-o a extrair de si recursos de força, de destreza ou de inteligência que desconhecia possuir; fazendo-lhe um corpo mais belo, mais robusto, mais flexível, uma alma mais enérgica e mais senhora de si; uma vontade que projeta e empreende obras extraordinárias. A obra-prima do homem é engrandecer o próprio homem, expandindo as fronteiras de seu domínio de poder material e espiritual.

É por isso que os antigos quase divinizaram os homens de ação mais admiráveis: o herói é o homem por excelência. E honravam especialmente os atletas, que tinham como modelos os heróis.

Os antigos entendiam que a ação mais nobre é aquela que visa a perfeição da própria ação. Mas, contra este desígnio superior, são exercidas todas as forças internas da nossa fraqueza: as tentações da facilidade, o cansaço, o tédio, a inconstância, as diversões e o medo do esforço. É, portanto, importante, sob pena de declínio e degeneração, explicar, exaltar, difundir e manter o culto da *Dificuldade*. Ela é o sal que impede a ação de se corromper. A perfeição da ação, que só se

---

<sup>1</sup> *L'homme et l'action*. Paris: La Table Ronde, 1999, p. 235-236.

adquire através do constrangimento e da dificuldade superada, consiste na elegância obtida, na economia de meios e na harmonia de todo o ser: se for necessário evitar a facilidade, devemos em última análise procurar a sua aparência.

Por fim, a ação coletiva deve completar a formação do homem que a ação individual começou, pois o homem isolado é um homem incompleto. O homem isolado não pode viver. Ora, enquanto os espíritos e os sentimentos dividem necessariamente e opõem entre si os indivíduos, as disciplinas dos atos podem poderosamente fazê-los compreender a necessidade da união e da coordenação.

Assim como a cultura e o desenvolvimento da ação individual revelam do ser humano o homem completo, a cultura e o desenvolvimento da ação coletiva revelam da massa humana grupos de forças exatamente alinhadas e capazes das tarefas mais difíceis e elevadas, assim como das composições mais felizes e dos jogos mais brilhantes.

### **Sobre o suicídio<sup>2</sup>**

Das pessoas que se suicidam, algumas recorrem à violência; outras, ao contrário, cedem a si mesmas e parecem obedecer a não sei qual fatal curvatura de seu destino.

Os primeiros são forçados pelas circunstâncias; os segundos, por sua natureza, e todos os favores externos do destino não os impedirão de seguir o caminho mais curto.

Podemos conceber uma terceira espécie de suicidas. Alguns homens consideram a vida tão friamente e têm uma ideia tão absoluta e ciumenta de sua liberdade que não desejam deixar ao acaso dos acontecimentos e das vicissitudes orgânicas a disposição de sua morte. Eles são avessos à velhice, à decadência, à surpresa. Encontramos entre os antigos alguns exemplos e alguns elogios dessa

---

<sup>2</sup> *Sur le suicide*. Paris: La Table Ronde, 1999, p. 237-241.

firmeza desumana. Quanto ao assassinato de si mesmo que é imposto pelas circunstâncias, e que é uma ação ordenada a um desígnio definido, ele procede da impotência em que nos vemos capazes de abolir *exatamente* um certo mal.

Não se pode alcançar a parte senão através do desvio da supressão do todo. Suprime-se o conjunto e o futuro para eliminar o detalhe e o presente. Suprime-se toda a consciência, porque não se sabe eliminar tal pensamento; toda a sensibilidade, porque não podemos acabar com uma dor tão invencível ou contínua.

Herodes manda degolar todos os recém-nascidos, não sabendo distinguir o único cuja morte lhe importa. Um homem, enlouquecido por um rato que infesta sua casa e que se mostra inatingível, queima o edifício inteiro que ele não sabe livrar especificamente do bicho.

Assim, a exasperação de um ponto inacessível do ser faz com que o todo se destrua. O desesperado é levado ou forçado a *agir indiscriminadamente*.

Esse suicídio é uma *solução grosseira*.

E não é só isso. A história dos homens é uma coleção de soluções grosseiras. Todas as nossas opiniões, a maior parte de nossos julgamentos, a maioria de nossos atos não passam de meros expedientes.

O suicídio do segundo tipo é o ato inevitável de pessoas que não oferecem resistência à tristeza escura e ilimitada, à obsessão, à vertigem da imitação, ou a uma imagem sinistra e singularmente acarinhada.

Os sujeitos desta espécie ficam como que *sensibilizados* a uma representação ou à ideia geral de se destruir. Eles são comparáveis aos intoxicados; observa-se neles, na busca por sua própria morte, a mesma obstinação, a mesma ansiedade, as mesmas artimanhas, a mesma dissimulação que notamos nos tocodependentes em busca da sua droga.

Alguns não desejam positivamente a morte, mas a satisfação de uma espécie de instinto. Às vezes é exatamente o tipo de morte que os fascina. Quem se vê enforcado, jamais se jogará no rio. O afogamento não o inspira. Um certo

carpinteiro construiu para si uma guilhotina muito bem desenhada e ajustada, para se dar ao prazer de cortar nitidamente a cabeça. Há estética neste suicídio, e a preocupação em compor cuidadosamente o seu último ato.

Todos esses seres, duas vezes mortais, parecem conter na sombra da alma um assassino sonâmbulo, um sonhador implacável, um *duplo*, executor de uma ordem inflexível. Às vezes, eles exibem um sorriso vazio e misterioso, que é sinal do seu segredo monótono e que manifesta (se é podemos expressar isso) a presença da sua ausência. Talvez eles percebam a sua vida como um sonho vão ou doloroso, do qual se sentem cada vez mais cansados e mais tentados a acordar. Tudo lhes parece mais triste e sem valor do que o não-ser.

Terminarei estas poucas reflexões com a análise de um caso puramente possível. Pode existir um suicídio por distração, que dificilmente se distinguiria de um acidente. Um homem manuseia uma pistola que sabe estar carregada. Ele não tem desejo nem ideia de se matar. Mas ele empunha a arma com prazer, a palma da mão abraça a coronha e o dedo indicador fecha o gatilho, com uma espécie de voluptuosidade. Ele imagina o ato. Ele começa a se tornar escravo da arma. Ela tenta seu dono. Ele vaga com a boca contra si mesmo. Ele a aproxima de sua têmpora, de seus dentes. Agora ele está quase em perigo, porque a ideia do funcionamento, a pressão de um ato insinuado pelo corpo e executado pela mente, o invade. O ciclo de impulso tende a terminar. O sistema nervoso se transforma em uma pistola engatilhada, e o dedo *quer* se fechar subitamente.

Um vaso precioso que está à beira de uma mesa; um homem de pé sobre um parapeito, estão em perfeito equilíbrio; e ainda assim, preferiríamos vê-los um pouco mais afastados do auge do vazio. Temos a percepção muito pungente do *pouco* que seria necessário para precipitar o destino do homem ou do objeto. Esse pouco faltará àquela cuja mão está armada? Se ele esquecer, se o golpe disparar, se a ideia do ato prevalecer e se esgotar antes de ter acionado o mecanismo de parada e o retorno ao império, deveríamos chamar o que acontece em seguida: *suicídio por imprudência*? A vítima deixou-se agir, e a sua morte lhe escapa, como

uma palavra inconsiderada. Ela avançou insensivelmente a uma região perigosa de seu domínio voluntário, e sua complacência em algumas sensações de contato e poder a envolveram numa zona em que a probabilidade de uma “catástrofe” é muito alta. Ela se colocou à mercê de um lapso, de um mínimo incidente de consciência ou transmissão. Ela se mata, *porque era muito fácil se matar*.

Insisto um pouco neste modelo imaginário de um ato meio fortuito, meio determinado, a fim de sugerir toda a fragilidade das distinções e oposições que tentamos definir entre as percepções, tendências, movimentos e suas consequências – entre o fazer e o deixar fazer, o agir e o sofrer –, o querer e o poder. (No exemplo dado acima, o poder induz ao querer).

Seria necessária toda a sutileza de um casuísta ou de um discípulo de Cantor, para desvendar a trama do nosso tempo, o que pertence aos diversos agentes do nosso destino. Visto ao microscópio, o fio que os parques desenrolam e cortam é um cabo cujos fios multicoloridos se tornam mais finos, interrompidos, substituídos, e reaparecem no desenvolvimento da torção que os envolve e puxa.

### **A vontade de ser outro<sup>3</sup>**

A ideia de viver uma vida diferente da sua é, sem dúvida, a mais característica das ideias do homem. Ele nunca foi capaz de colocar toda a sua “felicidade” na plenitude de quem ele é, ou seja, na satisfação de suas diversas necessidades e dos seus apetites naturais. Ele sente que o que o preenche o limita, e o contentamento de possuir as coisas necessárias à sua existência apenas aguça seu desejo de se transformar. Esse homem preenchido não pode, então, desejar senão o que ele pode ter. Uma vez construída a moradia, assegurada a alimentação, vencidos os inimigos e estabelecido o regime de uma vida regular, ele se vê, em todos os tempos e em todos os lugares do mundo, buscando de todas

---

<sup>3</sup> *Le vouloir être un autre*. Paris: La Table Ronde, 1999, p. 243-247.

as maneiras, ora de forma mais ingênua, ora pelos meios mais refinados, até mesmo pela rigidez mais exigente, pelo sofrimento e até pelo risco de vida, as diversões mais variadas e, por vezes, as mais estranhas, em relação à sua condição original. Parece que esta deixa de o interessar assim que ele a reconhece. Ele gera ou exige contos, lendas, crenças, que o façam viver (ou esperar viver), muito diferente de si mesmo; e ele o exige a tal ponto que cada indivíduo seria mais exatamente definido pelo que ele não é e sonha ser, do que por características positivas, unicamente deduzidas da observação do que ele é.

Sentimos, em suma, uma capacidade de existência que nos faz conceber invencivelmente a nossa como um caso particular, ou como uma sucessão de golpes de sorte.

Nossos corpos e nossos próprios gostos muitas vezes aparecem à nossa mente como acidentes bizarros impostos a alguma substância universal; e nosso rosto no espelho é o de um estranho inteiramente determinado para nós, ao qual um encantamento incompreensível acorrenta o eterno produtor de uma infinidade de formas, que está em nós...

É por isso que me aconteceu pensar que se o homem não pudesse viver uma série de vidas além da sua, ele não poderia viver a sua própria. Ele se apoderou de meios materiais ao seu redor que servem à sua sede de metamorfoses.

Mas esse homem, assim conduzido (ou seduzido) a entregar-se nos caminhos da imaginação pura aos prazeres de sua íntima variedade, não se limitou a forjar combinações de lembranças e a embriagar-se apenas com os sonhos que lhe ocorrem. Ele se apoderou de meios materiais ao seu redor que servem à sua sede de metamorfoses. Ele soube preparar sucos e produzir vapores que expandem seus espíritos, liberando sem esforço possibilidades indefinidas, abrindo-lhe paraísos e introduzindo-o em infernos, por sua ação misteriosa sobre os órgãos inexplicáveis que nos apresentam o real ou nos proporcionam delírios.

Ele teve também a ideia de se transformar de outra forma: inventou o ato de vestir as aparências de outros homens, de diversos animais, de monstros ou de criaturas imaginárias; fez para si máscaras e trajes e, por vezes, disfarçou-se até na alma; alguns feiticeiros acreditaram ser lobisomens.

Mas tudo isso não foi suficiente para satisfazer nossa tentação de fugir de nós mesmos e de nos transformar em algo desconhecido; tentamos viver o mais longe possível de nossas condições naturais de existência.

Vemos viver ao nosso redor uma série de seres que existem e se movimentam em ambientes proibidos ao nosso tipo orgânico. Eles vivem nas águas ou no ar; outros se enterram.

Era da nossa natureza inquieta invejar esses modos de vida que despertavam nossa curiosidade e nossa paixão pela liberdade e pela agilidade dos movimentos. O que poderia ser mais desejável do que mover-se sem estar sujeito a uma superfície cujos obstáculos precisamos enfrentar e cujas irregularidades precisamos observar?

Mas era, por outro lado, de nossa natureza analítica e inventiva transformar esse sonho em projeto, esse projeto em problemas, e compreender que esses problemas só poderiam ser expressos com precisão e abordados com alguma chance de sucesso ao custo de uma pesquisa infinitamente mais ampla, que não almejasse nada menos do que a compreensão de toda a natureza física.

Assim, após um período mítico, durante o qual, por falta de métodos e de noções exatas, o homem se limitou a voar ou a explorar os mares apenas em seus sonhos ou em suas fábulas, chegou um dia em que ele concebeu aparelhos, baseados na experiência e nos cálculos, que pudessem levá-lo vivo, longe da terra.

Nada é mais interessante do que ver a substituição da imaginação livre que dá origem a divindades voadoras, leões adornados com asas de águia, anjos e mensageiros vindos do céu no bater de penas puras, demônios agitando suas velas membranosas e ungulados de morcegos, outra imaginação, este ligado ao



conhecimento, e completamente dócil à famosa máxima de que só comandamos a natureza submetendo-nos às suas leis.

Parece que o primeiro que ousou empreender este caminho e que tentou criar o instrumento de voo do homem foi o admirável Leonardo da Vinci. O pássaro foi o seu modelo.

Acredito que muito poucos dos nossos construtores de aviões tiveram a oportunidade de folhear os veneráveis manuscritos desse grande homem. Fico curioso quanto às suas impressões. Não duvido de que ficariam maravilhados e, talvez, emocionados com a quantidade de observações e reflexões que Leonardo acumulou sobre o problema do voo. Inúmeros esboços de pássaros, estudos e desenhos de redes e redemoinhos, ensaios sobre a mecânica dos fluidos, pesquisas de estática e dinâmica, tentativas prematuras de um gênio obcecado pela precisão, que, por volta de 1500, se dedicava a problemas cujas dificuldades nem três ou quatro séculos de descobertas conseguiram abolir... É isso que se encontra nesses cadernos, entre outros vestígios das meditações desse gigante intelectual. Vê-se claramente que ele era verdadeiramente atormentado pelo desejo apaixonado de construir uma máquina voadora. Calcula suas formas, determina os centros de gravidade e de empuxo, desenha minuciosamente cem projetos de cada detalhe da máquina, perfis, nervuras, comandos, articulações...

Leonardo, no entanto, só podia dar ao seu “cisne” (como ele dizia) os músculos de um homem como motor, e não parece que ele tenha tido a ideia do voo planado. Ainda assim, permanece a glória que mencionei, pois não são os resultados que conferem a verdadeira glória, mas a ambição de mostrar aos homens até que ponto de altura extraordinária as virtudes de sua espécie podem elevar um deles.

### **Carta para alguém<sup>4</sup>**

---

<sup>4</sup> *Lettre a quelqu'un*. Paris: La Table Ronde, 1999, p. 249-252.

Senhor, meu velho amigo,

SUA carta vem me surpreender na plenitude do meu esquecimento de você. Você já não existia para mim; ou melhor, você nunca existiu!... Não peço desculpas: é a própria natureza. Já se passaram bem uns quarenta e cinco anos desde que não nos vimos, nem de modo algum nos preocupamos um com o outro. O que há de mais simples do que perder, no infinito das substituições que chamamos de uma vida, a ideia de alguma pessoa cuja ausência se prolonga e faz menos do que uma sombra? Mas, há quarenta e cinco anos, vivíamos, andávamos, comíamos juntos; não terminávamos nunca de disputar ou de nos calar juntos. (Os silêncios entre amigos têm valor de mistérios: eles realizam a intimidade.)

De repente, esta manhã, esta carta sua. A caligrafia me intriga. Mas é a sua, um pouco maior do que antes. Eu a leio, é um choque: ouço você falar. Sua voz, tão viva, encurta os anos, precipita como um reagente essa massa de acontecimentos-em-mim sob a qual você tinha desaparecido. Pense bem!... Quase meio século de existência, de preocupações, de projetos, de emoções e de ações, de contato com tantos outros e consigo mesmo: e isso compõe, afinal, essa estranha história de um homem, na qual *o que não pôde ser* deve ocupar ainda mais espaço do que *aquilo que foi!*... Quantas coisas, e entre elas, uma grande guerra, e essa esperança que se tinha de que ela fosse a última. Pergunto-me, às vezes, como se pode durar, absorver, reabsorver essa quantidade de momentos, de variações, de encontros e de pensamentos? Calculo que, desde nossa última noite, no café que você sabe, fumei e consumi umas oitocentas mil cigarrilhas!... Veja esse monte de cinzas e esse banco pálido da minha névoa? É uma reflexão curiosa, chegada à idade, que um pouco de estatística sobre si mesmo proporciona...

Mas mal o reencontro, não vou logo perdê-lo novamente em considerações de grandes números, e volto a você que me retorna de tão longe. Até ontem, havia pouco a apostar que retomaríamos contato, quando não sei que demônio lhe

soprou a ideia de não se fiar no acaso e agir. Você aproveitou a ocasião da terrível partida que se desenrola para reaparecer, me escrever, e me escrever o que você me escreve.

O que gosto bastante em sua carta é que ela quase nada me diz de você mesmo, e não exige mais de mim, sobre minha sorte e meu estado. Tudo se passa como entre pessoas que se viram na véspera e se despediram até o dia seguinte, como quem adormece, certo demais de que se reencontrará. Assim, escrevendo-me, você vai direto ao instante mesmo. Você me aborda falando do que é, do que pesa sobre cada um e sobre todo mundo pensa, e me pergunta – simplesmente – o que “se deve” pensar disso...

*O que se deve pensar?*

Confesso-lhe, velho amigo, esse “se deve”<sup>5</sup> me confunde. Não compreendo esse “se deve”. O pensamento não o quer. Não há “se deve” aplicável ao pensamento: ele é um fato, nascido de não sei o quê, sempre o último nascido, e bem distinto de nós, que ele atormenta, entrava, surpreende tão frequentemente, diverte às vezes... Ele pode dizer “se deve”; ele o diz aos outros; ele o diz a si mesmo, como se tivesse algum poder sobre si próprio. Mas não... Ele é o que vem. Veja, em um homem ansioso, tudo o que se produz: no mais bravo, todas as pinturas do medo; no mais puro, todos os esboços das combinações da volúpia. O gênio é o mais fecundo em coisas absurdas, de entre as quais surge a maravilha que ele entrega ao mundo. Como você quer, então, que eu lhe prescreva pensar tal pensamento, ou que eu o impeça de pensar tal outro? Mal poderia tentar lhe dizer o que acabo de pensar no momento, e sob a impressão das notícias, composta com tantos ingredientes da minha memória, da minha natureza, das minhas inclinações e sentimentos. Ainda assim, seria necessário trazer todas as correções imediatas que a simples pausa exigida pelo ato de escrever sugere ou

---

<sup>5</sup> O termo “*il faut*” encontra-se em itálico, conforme o original, com o destaque que o autor dá à expressão em francês. Em francês, “*il faut*” pode ser traduzido como “é necessário” ou “deve”, mas, neste contexto, optou-se por traduzir como “se deve” entre aspas para preservar o sentido de algo que está sendo questionado ou refletido, relacionado à ideia de imposição de pensamento.

impõe... Não... Pense o que puder. Mas considere-o uma luz provisória, uma visão de possibilidades ou eventualidades fantásticas no tempo de uma centelha... É verdade que essas centelhas podem incendiar o mundo. Há outras que o ofuscam.

Entretanto, não quero deixá-lo completamente sem resposta. Encerrando, com uma promessa – que valerá o que valem todas as promessas de hoje – esta carta que o decepcionará. Tentarei em breve escrever-lhe, não o que “se deve” pensar, e nem tudo o que penso, mas alguns simples resultados de observação das circunstâncias atuais. Misturarei a isso algumas... ideias; mas apenas para me assegurar de que *o espaço vital* das ideias não está aqui reduzido ao que é em outros lugares. O espírito deve prevalecer, meu caro, ou o gênero humano estará perdido.

### **Referências**

VALÉRY, Paul. VI. In: **Vues**. [1948]. Prefácio de Claude Launay. Paris: La Table Ronde, 1999, p. 233-252. – (La Petite Vermillon; 20).

### **Agradecimentos**

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro e pela concessão da bolsa de estudos que tornou possível a realização deste trabalho.

**Walisson Oliveira Santos** é mestre em Letras com ênfase em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Integra o projeto de pesquisa “A produção crítica de Carlos Drummond de Andrade”, sob a coordenação do Prof. Dr. Roberto Alexandre do Carmo Said na UFMG. Atualmente, é doutorando em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), desenvolvendo uma pesquisa sobre a poesia de Carlos Drummond de Andrade, com fundamentação teórica nos estudos de Paul Valéry.